

A LEITURA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

Lais Lauane Gaia Veras(UEPA)

José Ivanilson da Luz Rodrigues (UFPA/UFAM)

Resumo: O presente artigo é resultado de uma pesquisa qualitativa, com o objetivo refletir sobre a prática da leitura em sala de aula, inferindo possibilidades que facilitem a inserção do aluno na sociedade por meio da compreensão de textos literários. Os dados analisados foram coletados a partir da aplicação de questionário aberto a professores de Língua Portuguesa de uma escola pública no município de Abaetetuba-Pa. A análise dos dados, assentou-se nas premissas de: Antunes (2003); Kleiman (2000, 2004, 2008); Freire (2000); e nos PCNs de: Língua Portuguesa (1998) e Pluralidade Cultural (1997). O que possibilitou concluir-se que por meio da reflexão de textos literários é possível inserir o aluno de forma efetiva na sociedade.

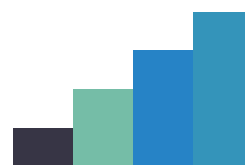
Palavras-chave: Leitura. Interação. Literatura.

Abstract: This article is the result of a qualitative research, with the objective to reflect on the practice of reading in the classroom, inferring possibilities that facilitate the insertion of the student in society through the understanding of literary texts. The data analyzed were collected from the application of a questionnaire open to Portuguese language teachers from a public school in the municipality of Abaetetuba-Pa. Data analysis was based on the following assumptions: Antunes (2003); Kleiman (2000, 2004, 2008); Freire (2000); and in the PCN's of: Portuguese Language (1998) and Cultural Plurality (1997). This made it possible to conclude that through the reflection of literary texts it is possible to insert the student effectively in society.

Keywords: Reading. Interaction. Literature.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo refletir sobre a prática da leitura e seu ensino em sala de sala, de forma a inferir possibilidades que facilitem a inserção do aluno na




sociedade por meio da interação proporcionada pela compreensão textual. Para tanto, recorreremos à bibliografia especializada, a documentos oficiais – Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de: Língua Portuguesa e de Pluralidade Cultural, e ainda, a dados coletados a partir da aplicação de questionário aberto a professores de Língua Portuguesa do 6º ao 9º ano de uma escola pública do município de Abaetetuba/PA.

Com base no exposto, organizamos este artigo em cinco tópicos: o primeiro, apresenta uma discussão bibliográfica sobre os diversos conceitos, ideias e práticas tangenciadoras à leitura; o segundo, aborda a importância do recurso aos PCN'S de Língua Portuguesa e de Pluralidade Cultural, como forma de trabalhar com a leitura na escola, sua contribuição na formação do aluno, e, as orientações ao professor quanto ao trabalho e ensino da leitura.

Em seguida, no terceiro, nos empenhamos em analisar dados coletados a partir da aplicação do questionário aos docentes de Língua Portuguesa, o que nos possibilitou conhecer sobre as práticas docentes e a recepção dos alunos quanto à leitura no meio escolar; no quarto tópico, empreendemos esforços no sentido de elaborar uma Proposta de Intervenção para o trabalho com a leitura em sala de aula, onde propomos métodos de inserção e avaliação da leitura por meio de textos literários regionais e, por fim, seguem as considerações finais.

Conceitos e concepções sobre leitura

Reconhecendo a máxima de que o homem é um ser social, o que nos indica um convívio e compartilhamento de condições que envolvam o coletivo, é de suma importância o uso de metodologias variadas que viabilizem a plena comunicação entre o



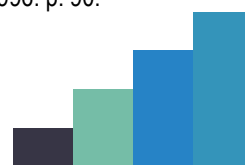
leitor e a sociedade. Pela assertiva, reconhece-se na leitura um amplo alcance quanto a comunicação, socialização e os interesses de sujeitos sociais envolvidos ao longo da história das sociedades humanas, pois segundo Darnton (1989) apud Denipoti¹:

(...) a leitura não se desenvolveu em uma só direção, a extensão. Assumiu muitas formas diferentes entre diferentes grupos sociais em diferentes épocas. Homens e mulheres leram para salvar suas almas. Para melhorar seu comportamento, para consertar suas máquinas, para seduzir seus enamorados. Para tomar conhecimento dos acontecimentos de seu tempo, e ainda, simplesmente, para se divertir (DARNTON, 1989:212).

Pelo enunciado, nota-se que os vários usos da leitura, em diferentes contextos, esteve presente nas diversas sociedades desde sua gênese como: fator de ordenamento social – a criação de códigos de leis, sua socialização e leitura, definiram comportamentos e espaços públicos, políticos, religiosos, etc.; mudanças sociais e nas mentalidades – o avanço, divulgação e leitura do humanismo renascentista, do iluminismo do século XVIII, ou mesmo do socialismo a partir do século XIX, promoveram consistentes mudanças sociais e nas mentalidades coletivas; e ainda, praticadas de forma individual silenciosa, oralizada coletiva, pública ou privada, acerca disso, Chartier (1989) enuncia que:

A leitura silenciosa de fato estabelece um relacionamento mais livre, mais secreto e totalmente privado com a palavra escrita. Permite uma leitura mais rápida, que não é impelida pelas complexidades da organização do livro e as relações estabelecidas entre o discurso e as glosas, as citações e os comentários, o texto e o índice. Também permite usos diferenciados do mesmo livro: dado o contexto ritual ou social, ele pode ser lido alto para ou com outras pessoas, ou pode ser lido silenciosamente para si mesmo no abrigo do estúdio, da biblioteca ou do oratório (CHARTIER, 1988: 18-19).

¹ DENIPOTI, C. Apontamentos sobre a história da leitura. História & ensino, Londrina, 02: 81-91, 1996. p. 90.



O excerto enunciado pelo historiador francês, destaca as formas variadas de leitura de textos – livros, a leitura individual, coletiva, pública e/ou privada ao longo da história, o que fomenta a urgência na formação de leitores autônomos, àqueles que leem no “abrigo do estúdio, da biblioteca ou do oratório”, mas fundamentalmente, a partir de uma habilidade leitora apreendida em uma leitura coletiva, contextualizada ao “contexto ritual e social”, na contemporaneidade, esta habilidade seria oriunda das salas de aula.

As diferentes formas de exercitar a prática leitora ao longo do tempo, nos convida a uma olhada pelas “frestas das janelas” das salas de aula, já que no correr do processo histórico esta atendeu a diferentes interesses sociais, e sua inserção nos meios educacionais primou pela decodificação de signos linguísticos, daí a importância de estudos sobre como a habilidade leitora vem sendo pensada, iniciada e encaminhada nos meios educacionais. Nesse sentido, o desenvolvimento de novas estratégias de ensino da leitura seria preponderante para a organização e comunicação social. Antunes (2003), por meio de uma concepção tradicional aponta limitações no processo de ensino aprendizagem da leitura, fundamentadas na decodificação. Assim, temos

(...) uma atividade de leitura centrada nas habilidades mecânicas de decodificação da escrita, sem dirigir, contudo, a aquisição de tais habilidades para a dimensão da interação verbal – quase sempre, nessas circunstâncias, não há leitura, porque não há “encontro” com ninguém do outro lado do texto (ANTUNES, 2003, p.27).

A formação de um leitor fundamentada na leitura de palavras acaba por desenvolver no indivíduo apenas a habilidade de decodificação dos signos linguísticos, decifração do que está no papel na forma de código, sendo o mero conhecimento desses, insuficiente para uma leitura eficaz, pois “a leitura é a parte da interação verbal escrita,




enquanto implica participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das intenções pretendidas pelo autor” (ANTUNES, 2003, p. 66), isto é, o ato de ler se constitui na compreensão, em dar sentido às palavras do autor, no entendimento da mensagem repassada.

Ainda sobre a leitura tradicional, àquela em que apenas se decodifica, nas salas de aula, por vezes, ela é praticada restrita ao livro didático, fazendo com que o aluno apenas retire algumas informações do texto. Desta forma, o leitor irá apenas decifrar as palavras, para assim responder as questões, e não terá a compreensão sobre o mesmo, não levará algo como aprendizado para seu convívio social. Ou seja, tem-se uma

(...) concepção da atividade como equivalente à atividade de decodificação. Essa concepção dá lugar a leituras dispensáveis, uma vez que em nada modificam a visão de mundo do aluno [...] Essa atividade passa por leitura, quando a verificação da compreensão, também chamada, no livro didático, de “interpretação”, exige apenas que o aluno responda perguntas sobre informação que está expressa no texto (KLEIMAN, 2004, p. 20).

Muitos educadores dizem que acreditam no processo interacionista entre o autor e leitor, mas, poucos ensinam o aprendiz a “ouvir” os envolvidos nesta interação. Segundo Kleiman (2008), no material didático geralmente a leitura fica reduzida às atividades com exercícios de interpretação de texto, e, a manipulação de sentenças. Nesse contexto, não há preocupação com o significado global do texto. Se o professor não nota a complexidade do processo de leitura e interação, ele acaba não conseguindo implementar a visão de mundo do texto que está sendo trabalhado na sala de aula. Em outras palavras,

A prática de sala de aula, não apenas da aula de leitura, não propicia a interação entre professor e aluno. Em vez de um discurso que é construído




conjuntamente entre professores e alunos, temos primeiro uma leitura silenciosa ou em voz alta do texto, e depois, uma série de pontos a serem discutidos, por meio de perguntas sobre o texto (KLEIMAN, 2000, p.24).

Considerando o enunciado acima, a leitura só acontece quando o leitor realiza um trabalho ativo com vista à apreensão do significado do texto, não quando o professor se fecha em um monólogo. Ele deve utilizar metodologias eficientes, de acordo com as necessidades do aluno.

Antunes (2003) chama a atenção para uma atividade de leitura inteiramente desvinculada dos diferentes usos sociais, devido ser imposta, ser lida por obrigação, onde muitas vezes os textos não têm informações que levem a pessoa a refletir sobre algo observado em sua realidade vivenciada. Por vezes empreende-se “uma atividade incapaz de suscitar no aluno a compreensão das múltiplas funções sociais da leitura (muitas vezes, o que se ler na escola não coincide com o que se precisa ler fora dela)” (ANTUNES, 2003, p.27).

Neste sentido, Freire (2000) defende o hábito de ler o que se gosta, e não o que é imposto por outras pessoas, como exemplo: pelo professor em sala de aula; que se a leitura for inserida com encantamento, o indivíduo vai sempre buscar aprender e compreender mais e mais, mas se vir acompanhada de dever, tarefa a ser cumprida, castigo ou obrigatoriedade, ele vai sentir-se desmotivado e perder o encanto pela atividade proposta.

Ainda neste ponto, Freire (2000, p.5) destaca que a “leitura boa, é a leitura que nos empurra para a vida, que nos leva para dentro do mundo, que nos interessa a viver”.



Ou seja, para termos uma boa leitura é importante o leitor se interessar pelo o que se está lendo, que possa levar a partir dessa leitura, conhecimentos para si e para sua atuação em sociedade.

O ato de ler proporciona um local de encontro entre quem lê e quem escreveu, mais do que isso, o uso de textos com notório sentido sociocultural ao leitor, além de promover o referido encontro, torna quem está lendo um “observador participante” do texto. Considerando que,

(...) os modos de ler interessam pelo que nos podem mostrar sobre a construção social dos saberes em eventos que envolvem interações, textos multissemióticos e mobilização de gêneros complexos, tais como uma lição numa aula versus um cartaz numa assembleia versus um panfleto numa troca comercial (KLEIMAN, 2004, p.15).

Kleiman (2004) explicita que existem diferentes modos de se praticar a leitura, e que devem ser consideradas aquelas que envolvem a interação, para a construção do saber social, como a utilização de vários gêneros textuais: a notícia, o aviso, entre outros. Assim a pessoa estará praticando o ato de ler, como também levará algo de aprendizado para seu convívio em sociedade.

Desta forma, Antunes (2003, p.77) nos convida a refletir acerca de um ponto: “a leitura não depende apenas do contexto linguístico do texto, mas também do contexto extralinguístico de sua produção e circulação”. A autora suscita que a leitura não pode ser trabalhada apenas como um pretexto em sala de aula, como, retirar palavras do mesmo; e sim como um momento de interação entre os atores envolvidos e o espaço em que




veicula o texto. Com isso, estabelece que os professores de língua portuguesa, durante o ensino da leitura, promovam a prática de ler textos autênticos, visando que

Nada poderá justificar uma leitura que não seja a leitura de textos autênticos, de textos em que há claramente uma função comunicativa, um objetivo interativo qualquer (...). As frases descontextualizadas, inventadas para exemplificar, ou os textos do tipo “o boi baba, mimi mia”, de tão mau gosto e baixo nível de textualidade, devem ser coisa de um passado remoto que não deve voltar (ANTUNES, 2003, p.79).

Assim como Kleiman (2004), Antunes (2003) defende a prática da leitura para a obtenção de conhecimentos que se usem no social, que para isso, precisa-se do uso de textos autênticos, informativos, com a função comunicativa, e deixar de utilizar textos inventados, somente para o aluno ler as frases. Segundo Soares (2000, p.18), “leitura não é um ato solitário; é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados; o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros”. A aproximação dos conteúdos escolares à realidade experienciada pelos discentes parece favorecer a formação de cidadãos críticos e conscientes de seu papel social, pois,

A leitura não-crítica procura recuperar o conteúdo ou atribuir um sentido a um texto, a leitura crítica procura compreender o texto como constituído a partir de práticas sociais específicas e, ao mesmo tempo, como constitutivo de tais práticas. Conseqüentemente, a leitura crítica constitui uma via para a emancipação do leitor. Ler desta forma deveria ser parte central dos objetivos da educação do estudante desde seus anos iniciais do estudo da linguagem (MEURER, 2000, p. 155).

O modelo interativo de leitura defendido pelos referidos autores, valoriza a interação entre leitor, texto e escritor, e, numa perspectiva discursiva, considera que tanto quem escreve quanto quem lê o texto, produz significados e sentidos; ou seja, esses são




produzidos a partir das relações entre leitor, escritor e texto. Nesse sentido, Lajolo (2010, p. 33) entende que “leitor e escritor são faces da mesma moeda, não obstante as quedas de braço em que às vezes ambos se confrontam”, assim, ocorre uma interação entre autor e leitor, onde um escreve e o outro compreende, a leitura então se constitui em um construto dialógico. Semelhante premissa é advogada por Antunes (2003) para quem,

A atividade da leitura completa a atividade da produção escrita. É, por isso, uma atividade de interação entre sujeitos e supõe muito mais que a simples decodificação dos sinais gráficos. O leitor, como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando recuperar, buscando interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidos pelo autor (ANTUNES, 2003, p. 66).

O uso de textos que apresentam teor informativo, como em livros, jornais ou mesmo textos mais curtos, como os propagandísticos favorecem a compreensão do sentido intencionado de ser repassado pelo autor, daí que o uso de frases ou textos inventados, descontextualizados ou desprovidos de sentido, apresentam-se ao leitor simples signos linguísticos.

Como sabemos, a leitura ainda é uma questão recorrente na escola, importa salientar que é constante por parte dos professores a discussão acerca da formação de leitores. Contudo, isso se demonstra como atividade complexa por muitos educadores que devem entender a viabilidade em usar textos em que os alunos despertem sua imaginação.

Segundo Brasil (2006), o texto literário diferente de outras formas de comunicação, garante ao leitor uma maior liberdade de interpretação, porém é importante a ressalva de que, mesmo um texto com amplas possibilidades de interpretação é preciso




ter cautela. Assim, o aluno terá gosto pelo o que se está lendo, podendo recorrer a imaginação para inferir possibilidades, o contraditório ou mesmo ampliar a mensagem apresentada pelo autor.

De acordo com Farias (2011, p. 86), “formar um bom leitor de textos literários é apresentar estratégias metodológicas que se adequem a realidade sociocultural dos leitores”. Tomando tal assertiva, como um convite ao desafio de desenvolver metodologias para a dita adequação do que se lê, faz-se necessário o professor conhecer a realidade cultural de formação de seus discentes, e, ainda, empreender pesquisa no sentido de conhecer a produção literária que se ocupa dos usos, costumes e condicionamentos político-sociais, tangenciadores de citada realidade vivenciada pelo alunado.

O PCN de Língua Portuguesa e o trabalho com a leitura na escola

Nas últimas décadas do século XX, um efervescente debate emergiu sobre a Língua Portuguesa, em especial quanto à estrutura curricular e as metodologias de ensino. Como resultado desta discussão já em finais da década de 1990 vimos a constituição dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), como um documento que aponta limitações quanto a um pretense conjunto de conteúdos e metodologias de ensino ditos tradicionais, na mesma medida, em que sugestiona a inovações e possibilidades de inserção de novos conteúdos e métodos garantidores do sucesso da prática de ensino-aprendizagem nas escolas.

Os PCNs surgiram com o objetivo de orientar os professores sobre como agir em sala de aula, ajudando-os na busca por novas metodologias. Para isso, o mesmo é dividido em disciplinas para facilitar o trabalho da instituição. Neste sentido, o PCN de



Língua Portuguesa ajuda o docente a auxiliar o aluno a interpretar textos, a dominar a tecnologia da escrita, a portar-se linguisticamente nos diferentes meios sociais. Já que


O ensino de língua portuguesa tem sido, desde os anos 70, o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade de ensino no país. O eixo dessa discussão no ensino fundamental centra-se, principalmente, no domínio da leitura e da escrita pelos alunos, responsável pelo fracasso escolar que se expressa com clareza nos dois funis em que se concentra a maior parte da repetência (BRASIL, 1998, p.17).

De acordo com o enunciado, o ensino de Língua Portuguesa é central nas discussões acerca do macro campo educacional ao longo do tempo. Neste sentido, o PCN voltado à esta disciplina é contundente ao apontar limitações quanto ao ensino tradicional da língua, destacando, entre outros,

- a desconsideração da realidade e dos interesses dos alunos.
 - O uso do texto como expediente para ensinar valores morais e como pretexto para o tratamento de aspectos gramaticais.
 - O ensino descontextualizado da metalinguagem, normalmente associado a exercícios mecânicos de identificação de fragmentos linguísticos em frases soltas (BRASIL, 1998, p.18).

A identificação de práticas de ensino de reduzido alcance na plena formação de leitores, favoreceu a busca por novas formas e posturas didáticas, e se apresentam como desafios ao fazer docente; assim, o PCN de Língua Portuguesa convida professores e alunos a protagonizarem meios efetivos na superação de tais dificuldades, como


Utilizar as diferentes linguagens, verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal. Como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação (BRASIL, 1998, p.8).



Pelo excerto notamos a importância de um diálogo interdisciplinar quanto ao ensino da língua, pois destacamos a importância de diferentes matrizes de comunicação, envoltas em diferentes componentes curriculares. Desta forma, um planejamento do corpo docente favoreceria o interesse do discente quanto a leitura e compreensão de um amplo espectro de linguagens escolares, sociais e culturais. Tais premissas, seriam em muito potencializadas por uma demanda conjunta, pois “saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos” (BRASIL, 1998, p.8), suscita o empenho de professores e alunos numa aquisição e construção dialógica de conhecimentos.

Além disso, “questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação” (BRASIL, 1998, p.8), nos parece fundamental na constituição e progresso da sociedade a partir do meio educacional, pois a formação plena de leitores capazes de interpretar e compreender o sentido de matrizes comunicativas diversas, como já citado, impulsionaria tais indivíduos à apreensão dos resultados de constituição do conhecimento pela humanidade, à reflexão sobre o construto sociocultural vivenciado, e, mais do que isso, instigaria à criatividade, um preceito socrático do “parto das ideias”, o surgimento de novas ideias como forma de resolver possíveis problemas do presente, quiçá do futuro. Neste ponto, o PCN – Pluralidade Cultural destaca o enriquecimento cultural e a formação cidadã no reconhecimento das diferentes linguagens e padrões culturais:

Um conhecimento fundamental para a leitura da Pluralidade Cultural são as muitas linguagens que se apresentam como fator de identidade de grupos e indivíduos. Conhecer e respeitar diferentes linguagens é decisivo para que o




trabalho com este tema possa desenvolver atitudes de diálogo e respeito para com culturas distintas daquela que a criança conhece, do grupo do qual participa.

Neste sentido, o desenvolvimento da sociedade, os avanços tecnológicos, a constituição de ambientes sociais marcados pela diversidade cultural, entre outras coisas, fazem emergir formas e meios de comunicação oral, e fundamentalmente, escritos, cada vez mais complexos, como forma de garantir a plena leitura e compreensão do sentido objetivado pelo autor, nos instiga à formação de cidadãos interativos, favorecendo assim, uma das premissas mais presentes na formalização discursiva da contemporaneidade: a inserção no meio social; com isso as escolas assumem o dever de garantir essa interação do aluno com a sociedade. Neste contexto, podemos utilizar,

A linguagem na escuta e produção de textos orais e na leitura e produção de textos escritos de modo a atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos, e considerar as diferentes condições de produção do discurso (BRASIL, 1998, p.32).

O excerto sugere uma ampliação no alcance social da leitura, pois convida educadores a utilizarem textos orais e escritos na formação de leitores, desta forma a apreensão de conhecimentos seria potencializada, já que o exercício da audição e oralização textual complementariam a leitura e compreensão de textos escritos. O trabalho empreendido pelos leitores, notadamente transpõe uma “decodificação estática” do sentido do texto, que não se encerra em si, pois envolve aspectos

No qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma




atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência (BRASIL, 1998, p.69).

O papel da escola e dos professores quanto ao desenvolvimento da prática leitora vai além do mero desenvolvimento da habilidade de decodificação de signos linguísticos, e mesmo de interpretação e compreensão textual, sendo necessário adquirir “procedimentos de leitura em função dos diferentes objetivos e interesses do sujeito (estudo, formação pessoal, entretenimento, realização de tarefa)” (BRASIL, 1998, p.55). Desta forma, encaminha-se a formação de leitores autônomos, pois,

Um leitor competente sabe selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a suas necessidades, conseguindo estabelecer as estratégias adequadas para abordar tais textos. O leitor competente é capaz de ler as entrelinhas, identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos (BRASIL, 1998, p.67).

Assumir a tarefa de formar leitores impõe à escola a responsabilidade de organizar-se em torno de um projeto educativo comprometido com a intermediação da passagem do leitor de textos facilitados, para textos de complexidade real, tal como circulam socialmente na literatura e nos jornais; daquele de adaptações ou de fragmentos para textos originais e integrais.

Diante disso, “a escola deve dispor de uma biblioteca em que sejam colocados à disposição dos alunos, inclusive para empréstimo, textos de gêneros variados, materiais de consulta nas diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas, entre outros” (BRASIL, 1998, p.70), pois o aluno tendo a oportunidade de escolha sobre o que se ler, dentro de sua própria escola, levará consigo o gosto pela leitura e conhecimento daquilo que se extraiu desta.



Para a obtenção de uma boa compreensão textual no ato de ler, o PCN de Língua Portuguesa aponta alguns procedimentos de leitura ao próprio leitor, a quem caberia “avançar ou retroceder durante a leitura em busca de informações esclarecedoras” (BRASIL, 1998, p.56). Desta forma, o leitor conseguirá extrair informações que não estavam explícitas no texto, tendo assim melhor conhecimento e aprendizado sobre o abordado. Neste contexto,

A escola deve organizar-se em torno de uma política de formação de leitores, envolvendo toda a comunidade escolar. Mais do que a mobilização para aquisição e preservação do acervo, é fundamental um projeto coerente de todo o trabalho escolar em torno da leitura. Todo professor, não apenas de língua portuguesa, é também professor de leitura (BRASIL, 1998, p.70).

A forma de organização da comunidade escolar deve incluir um processo em que envolva a prática leitora, pois se o docente incluir em seu plano de aula algumas horas para a realização da mesma, facilitaria ao aluno a compreensão textual. E como forma de incentivo à leitura, cabe ao professor como recurso, o experimento de novas metodologias, como ler em voz alta, visto que esta possibilita ao aluno “o acesso de textos longos (e as vezes difíceis) que, por sua qualidade e beleza, podem vir a encanta-lo, mas que, talvez, sozinho não o fizesse” (BRASIL, 1998, p.72), a leitura realizada em voz alta pelo educador é uma estratégia para ajudar os estudantes a entenderem o texto e despertar o interesse por eles.

O professor por ser conhecedor de palavras com um vocabulário mais rico, ao ler um texto em voz alta ajuda o aluno a entender e a pensar sobre o que aquelas palavras e o texto querem transmitir. Outro método orientado pelo PCN de Língua Portuguesa é o trabalho com textos literários, pois o professor deve considerar o que o aluno gosta de ler,



sendo que “fora da escola, os leitores escolhem o que leem. É preciso trabalhar o componente livre da leitura, caso contrário, ao sair da escola os livros ficarão para trás” (BRASIL, 1998, p.72).

Sendo assim, o trabalho com textos literários seria pertinente para os alunos, pois essas leituras fazem o leitor alcançar maior liberdade de interpretação, despertando, por conseguinte, o interesse do aluno, pois

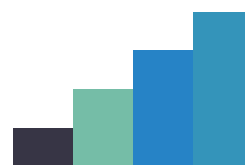
O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua (BRASIL, 1998, p.26).

Os textos literários possibilitam a construção de outra mediação de sentidos entre o sujeito e o mundo, fazendo com que haja a reinterpretação do mundo atual e dos mundos possíveis. Pensar sobre a literatura a partir dessa relativa autonomia ante outros modos de apreensão e interpretação do real, corresponde a dizer que se está diante de um inusitado tipo de diálogo.

O trabalho com a leitura segundo os professores

Como forma de atender nosso objetivo, refletir sobre a prática da leitura em sala de aula, nos empenhamos em uma pesquisa de caráter qualitativo, por meio da aplicação de um questionário aberto aos docentes de Língua Portuguesa do 6º ao 9º ano, de uma escola pública do município de Abaetetuba-PA, tendo como resultado os dados que analisamos a seguir.

Quando 01 – Definição de Leitura




1- Qual sua definição sobre leitura?
R: P1: ler não é apenas decodificar letras. Leitura é ter compreensão de mundo, de vida, daquilo que se está lendo.
R: P2: algo amplo e necessário, que não requer apenas decodificar e que deve ser iniciado desde o primeiro contato com a leitura.
R: P3: leitura é você oralizar o que está escrito e saber refletir o que você está oralizando, fazendo as inferências necessárias para uma compreensão do que o texto está dizendo, seja esse texto com palavras, imagens, sinais, criptogramas, etc.

Fonte: Elaboração própria

Os entrevistados P1 e P2 defendem a compreensão da leitura, a partir de um conhecimento de mundo precedente e construído pelo hábito de ler, ou seja, a ciência poderá lhe servir para sua convivência em sociedade, assim como nos mostra Koch (2002), que aponta para uma visão da leitura como processo de compreensão, sendo esta “uma atividade interativa” altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual.

Notamos a predileção da educadora P3 por uma leitura oralizada, como forma de favorecer a apreensão do sentido do que se está lendo, e despertar a imaginação quanto às possibilidades interpretativas. Complementando, enunciou, “seja esse texto com palavras, sinais, imagens, criptogramas, etc.”, deixando claro que a habilidade leitora, amplia-se à decodificação de signos linguísticos, palavras escritas, podendo ser



incentivada pela leitura e compreensão de formas diversas de comunicação, o que proporciona ao educador uma ampla possibilidade no uso de elementos textuais, como forma de garantir sentido e motivação ao aluno à prática leitora.

Quadro 02 – Dificuldades para o trabalho com a leitura

2 - Existe dificuldade de trabalhar com a leitura na escola? Se sim, quais?
R:P1: sim, infelizmente inúmeras que vão desde o espaço na escola, passando pela dificuldade de compra de livros e a falta de incentivo.
R:P2: sim, hoje menos pois há um acesso melhor à biblioteca, mas a dificuldade há, pois somente os professores de língua portuguesa são responsabilizados por incentivar a leitura e a falta de incentivo da família, que seria o primeiro passo a ser dado.
R:P3: sim, muitos alunos não são motivados a ler por seus pais e chegam na escola com muita preguiça de ler.

Fonte: Elaboração própria

Desta forma, percebemos a existência de um aluno pouco incentivado, logo desmotivado à prática leitora; e o entrevistado P3 delegando tal responsabilidade à família, não compreendendo, portanto, o incentivo ao exercício de leitura, como um compromisso compartilhado entre escola e família. O professor não deve desistir de usar os textos, o mesmo tem que incentivar o discente a ler, por meio da persistência ele pode fazer com que o aluno tome gosto pela leitura.



O entrevistado P2 destacou um possível indicativo de limitação do trabalho docente, “há algumas dificuldades, pois somente os professores de Língua Portuguesa são vistos como responsáveis por incentivar a leitura”, a assertiva parece sugerir que o incentivo e motivação na busca de assuntos para além do meio escolar, demanda um engajamento envolvendo as diversas disciplinas.

Entendemos que o acesso a textos literários, por exemplo, permite ao professor de Língua Portuguesa, apresentar informações socioculturais, que despertariam o interesse do aluno à leitura, assim acabaria por favorecer o entendimento quanto a assuntos das demais disciplinas, pois os textos literários são ricos em informações históricas, geográficas, matemáticas, científicas em geral, entre outras, pois “a literatura é de grande importância para a sociedade. Sua leitura é imprescindível, pois, além de ser prazerosa, contribui para o enriquecimento intelectual e cultural de cada leitor” (NOBERTO, 2011, p. 2).

Quadro 03 – Metodologias para o trabalho com a leitura

3 – Quais suas metodologias para a inclusão da leitura em sala de aula?
R:P1: adoto a utilização da leitura de um livro por bimestre, onde avaliação é voltada a interpretação destes. Utilizo obras literárias que possuam temas que influenciem sua visão social
R:P2: procuro usar várias metodologias, como um livro bimestral e procurar textos, os alunos não recebem muito bem, pois veem como castigo.



R:P3: trabalho com quadrinhos, pequenas histórias como fábulas, parábolas, músicas, clássicos da Disney e também os próprios textos do livro didático.

Fonte: Elaboração própria

Pela síntese dos resultados apresentados, percebe-se que já existe uma compreensão por parte desses professores de que as práticas de leitura a serem desenvolvidas nas salas de aula precisam contemplar situações que possibilitem aos alunos a sua interação com o meio social, pois “ao professor cabe planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir aprendizagem efetiva” (BRASIL, 1998, p.22).

Em comum, os entrevistados P1 e P2 apresentam como incentivo à leitura, o estabelecimento da meta junto aos alunos da leitura de um exemplar de livro a cada dois meses; o entrevistado P1 demonstrou preocupação quanto a utilização de leituras que apresentem relevância social, neste sentido recorre a obras literárias.

Percebemos que o entrevistado P3 pouco trabalha com o aluno leituras que potencializem oportunidades de aprendizado e entendimento para o seu convívio social, por trabalhar com textos de pouca relevância informacional, e até mesmo os textos do livro didático, que são usados como pretexto para meio avaliativo, os quais passam por limitar o discente à atividade de decodificação, a qual em nada modifica a visão de mundo deste (KLEIMAN, 2004).

Quadro 04 – Interesse pela preferência de leitura dos discentes



4 – Você se interessa em saber que assuntos e temas os alunos mais gostam de ler?

R:P1: sim, mas infelizmente poucos alunos gostam de ler, isso dificulta, pois poucos aceitam participar dos momentos de leitura, por isso se faz necessário o uso de leituras obrigatórias como meio avaliativo.

R:P2: sim, procuro ouvir os alunos, embora os fatores tecnológicos influenciem de forma negativa por haver pouca interação pessoal. Se for seguir o que os alunos querem, haverá temas que a serem discutidos sem relevância.

R:P3: sim, a maioria gosta de quadrinhos, alguns terror, aventura. . .

Fonte: Elaboração própria

Pelo enunciado, percebe-se que a leitura é feita por obrigação pelos alunos, devido os mesmos não terem o hábito de ler, nem tampouco, serem inseridos em práticas que desenvolvam a motivação para tal.

Como já mencionado anteriormente, é importante ler o que se gosta (FREIRE, 2000), porém, o professor deve investigar as práticas sociais que fazem parte do cotidiano do aluno, adequando-as à sala de aula e ao conteúdo a serem trabalhados, como histórias e lendas da sua cidade, e buscar inovações por meio da interpretação de músicas, filmes, peças teatrais, entre outros, pois segundo o PCN de Língua Portuguesa, “a diversidade não deve contemplar apenas a seleção dos textos; deve contemplar, também, a diversidade que acompanha a recepção a que os diversos textos são submetidos nas práticas sociais de leitura” (BRASIL, 1998, p.27).




Desta forma, irá surgir o interesse do aluno por tais textos, tendo então, o gosto pela leitura e a compreensão do texto.

QUADRO 05 – O trabalho com textos literários

5 – Na prática da leitura, trabalha com textos literários? De que forma?
R:P1: sim, o principal é utilizar textos como meio avaliativo, obrigando o aluno a ler tais textos.
R:P2: sim, os textos literários que são utilizados são selecionados onde haja fácil compreensão, textos contextualizados com a sociedade. Onde possa extrair do texto não só o ponto de vista gramatical, mas que possa extrair aprendizagem para o seu meio social.
R:P3: sim, fazemos ciclo da leitura e lemos algumas obras da literatura infanto-juvenil.

Fonte: Elaboração própria

O entrevistado P1 reforça a prática de uma leitura obrigatória, pela falta de hábito de ler do aluno, o P2, tem preocupação com a contextualização de tais textos, com vista à proporcionar ao aluno conhecimentos diversos, pois o texto literário “o oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem” (BRASIL, 1998, p.27). Desta forma, percebemos o uso da literatura como meio facilitador ao alunado, pois a mesma possibilita fácil compreensão, além de permitir o uso da imaginação, com isso se terá o conhecimento para uso no meio social e o gosto pela leitura.



Proposta para o ensino da leitura

Pelo exposto, percebemos como dificuldade majoritária na escola, o reduzido apreço do aluno pela leitura, limitando em muito a compreensão sobre o tratado nos textos. Desta forma, o incentivo à prática leitora aos alunos, não se conformaria em uma obrigação imposta por pais e professores, pois um leitor afeito à leitura, terá apreço a qualquer texto que influencie a sua convivência com o seu meio social, como a notícia, anúncio, entre outros.

Para tanto, sugerimos como metodologia de incentivo à leitura, o trabalho com textos literários, pois, estes textos apresentam a liberdade de interpretação, permitindo recorrer a imaginação para inferir possibilidades; além disso, apresentam-se como um “ponta pé” inicial às informações importantes a serem trabalhadas mais detidamente nas demais disciplinas, pois: “para informar adequadamente a perspectiva de ensino e aprendizagem é importante esclarecer o caráter interdisciplinar que constitui o campo de estudos teóricos da Pluralidade Cultural” (BRASIL, 1997: p. 29), dito de outro modo, o uso de textos literários contemplam informações variadas concernentes às várias disciplinas, podendo ser fomentadores de aproximação dos conteúdos escolares à realidade sociocultural dos discentes.

Esta proposta tem como objetivo geral: incentivar o aluno à prática leitora, por meio de textos literários que os aproximem de sua realidade.

E como objetivos específicos: apresentar textos de caráter regional aos discentes; promover a interação leitor-texto-autor; e, oportunizar práticas de leitura de textos literários regionais. Para isto, organizamos esta proposta em etapas, são elas:



1ª etapa: apresentar aos alunos os textos literários, explicando a relevância dos mesmos, tanto para a apreensão do conhecimento, quanto para o incentivo à prática leitora.

2ª etapa: indicar obras de contexto regional, como as de Jorge Machado (autor abaetetubense), pois os mesmos proporcionam ao aluno o conhecimento sobre a cidade em que vive.


3ª etapa: utilizar imagens e instigar os alunos a sugerir-las, como forma de relacioná-las aos textos literários trabalhados.

4ª etapa: realizar a leitura das obras já citadas, em sala de aula ou em casa, para depois haver a interação aluno-professor.

Mediante o trabalho e indicação de textos literários regionais, em sala de aula e em casa, empreenderemos um padrão de avaliação: a aplicação de atividades avaliativas de duas formas, a partir do uso de imagens o aluno deve inserir trechos dos textos trabalhados, que evidenciem o sentido dos mesmos com as imagens propostas; de outra forma, suggestionar aos alunos a partir de trechos das obras, que estes reescrevam possíveis finais de enredo do texto original, após a confecção dos textos dos discentes, estes deveram socializar, por meio da oralização, com os colegas de classe e o docente.

Considerações finais

Pelo exposto, podemos concluir que ainda existe uma deficiência no ambiente escolar em relação à prática leitora, e é necessário que haja um trabalho conjunto entre família e escola na tentativa de amenizar o desinteresse do discente à leitura.



Além disso, percebemos que por meio da leitura de textos literários regionais, é possível proporcionar ao aluno o enriquecimento de seu vocabulário e despertar nele uma nova visão de mundo, o conhecimento e valorização das matrizes culturais de formação da sociedade onde vivem, a história de formação de hábitos, usos e costumes, da construção dos espaços que vivenciam, proporcionando assim sua interação com o meio social.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Ed. Parábola editorial, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação – MEC. **Orientações Curriculares Para o Ensino Médio**. (Vol. 1), Brasília, 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.106 p. Cortez: São Paulo, 2002.

CHARTIER, Roger. 1988. **Frenchness in the History of the book; from the history of publishing to the history of reading**. Worchester: American Antiquarian Society, 1988.

DARNTON, Robert. "História da Leitura", In: BURKE, Peter, org. **A escrita da história; novas perspectivas**. São Paulo: EDUNESP, 1989, p.199-236.

DENIPOTI, C. Apontamentos sobre a história da leitura. **HISTÓRIA & ENSINO**, Londrina, 02: 81-91, 1996.

FARIAS, Rafaela Felex G. Monteiro. **Leitura e literatura: a construção do leitor literário**. IN: Itabaiana: GEPIADDE, ano 5, volume 9, jan-jun de 2011. p. 86 – 94.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Ed. Cortez, 47ª edição, 2006.



KLEIMAN, Angela. **A concepção escolar da leitura**. In: oficina de leitura. Teoria e prática. 7. ed. Campinas: Pontes, 2000.

_____. **Abordagens da leitura**. Universidade Estadual de Campinas. SCRIPTA: Belo Horizonte, 2004.

_____. **Leitura, ensino e pesquisa**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2008.

KOCH, Ingedore Grunfield Villaça. **Desvendando os Segredos do Texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed., São Paulo: Ed. Ática, 2010.

MEURER, José Luiz. **O trabalho de leitura crítica: recompondo representações, relações e identidades sociais**. Cadernos de Pesquisa, n. 118, 2000, p. 155 – 171.

NOBERTO, Sandra. **A literatura e sua importância para a sociedade**. 2011. Disponível em: < <http://interativoprata.blogspot.com.br/2011/11/literatura-e-sua-importancia-para.html>>. Acesso em: 28/08/2016.

SOARES, M. **As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto**. IN: ZILBERMAN, R.; SILVA, E, T. (org). **Leitura: perspectivas disciplinares**. São Paulo: ed. Ática, 2000, p.18-19.

Submetido em: 28/12/2017

Aceito em: 30/08/2020

